

O CINEMA E A FAVELA: A FIGURA DA MULHER NEGRA PERIFÉRICA NO FILME “ANTÔNIA”¹³

Gabrielly Sabóia Gonçalo de Araújo

Aluna de Licenciatura em História. Pesquisadora e membro do Coletivo de Pesquisas Decoloniais e Libertárias (CPDEL/UFRJ).

“Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela.”
Angela Davis

RESUMO: A presente pesquisa pretende realizar uma análise das representações cinematográficas femininas, especificamente as das mulheres negras periféricas, apresentadas no filme “Antônia” (2006). Iremos analisar até que ponto a narrativa apresentada pela obra é capaz de retratar a realidade cotidiana, além de apontarmos os aspectos presentes no filme que atuam como perpetuadores de estereótipos cinematográficos construídos sobre a figura da mulher negra periférica, além de apontarmos a possibilidade de mobilizar o cinema como meio para o processo de reconstrução identitária das mulheres negras. Também buscamos relacionar tal cenário com a influência do Estado no que se refere a maneira como alguns sujeitos são governados, subalternizados e explorados pelo capitalismo. Neste caso, as mulheres negras figuram enquanto elemento capaz de ilustrar como a governança sociocultural, e o cinema enquanto seu “auxiliar”, atua a fim de manipular a população em direção aos estereótipos estabelecidos sobre essas mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: mulher negra; estereótipos; cinema; favela.

ABSTRACT: The present research intends to carry out an analysis of female cinematographic representations, specifically those of peripheral black women, presented in the film “Antônia” (2006). We will analyze the extent to which the narrative presented by the work is capable of portraying everyday reality, in addition to pointing out the aspects present in the film that act as perpetuators of cinematographic stereotypes built on the figure of the peripheral black woman, in addition to pointing out the possibility of mobilizing the cinema as a means for the process of identity reconstruction of black women. We also seek to relate this scenario to the influence of the State regarding the way in which some subjects are governed, subordinated and exploited by capitalism. In this case, black women appear as an element capable of illustrating how sociocultural governance, and cinema as its “auxiliary”, acts in order to manipulate the population towards the established stereotypes about these women.

KEYWORDS: black woman; stereotypes; movie theater; shanty town.

¹³ O presente artigo é fruto dos resultados da pesquisa “A representação da mulher negra periférica em ‘Antônia (2006)’”, desenvolvida como iniciação científica do projeto temático coordenado pelo Prof. Dr. Wagner Pinheiro Pereira, no Instituto de História da UFRJ, e financiada pelo CNPq/PIBIC, no período de set/2020 a abril/2021.

INTRODUÇÃO

O filme em questão esteve em cartaz em fevereiro de 2006 e contou com a direção de Tata Amaral, uma cineasta brasileira considerada por muitos críticos como uma das mais importantes realizadoras do cinema brasileiro a partir de 1990. A obra em questão apresenta a história de quatro amigas de infância (Preta, Barbarah, Mayah e Lena), moradoras da Vila Brasilândia (periferia da zona norte de São Paulo), que possuem um sonho em comum: cantar rap e fazer disso a fonte de seu sustento.

O enredo retrata a vida de 4 jovens negras – Preta (Negra Li), Bárbarah (Leilah Moreno), Mayah (Quelynah) e Lena (Cindy Mendes). Amigas desde a infância e moradoras da periferia de São Paulo, esse quarteto buscava realizar um grande sonho em comum: fazer sucesso enquanto um grupo musical de rap, porém a realidade se mostrou muito mais desafiadora. Após passar por uma série de acontecimentos em suas vidas pessoais e ver de perto a violência, a exclusão social e o machismo, o quarteto denominado “Antônia” consegue compor o seu grande single (de mesmo nome) durante uma visita à Bárbarah na penitenciária e realizar sua primeira apresentação oficial no pátio da unidade prisional. Mesmo depois de tantos altos e baixos, seguem esperançosas e em busca da tão sonhada carreira musical enquanto realizam pequenas apresentações em bailes e rodas de rap pela região da periferia.



O quarteto. Fonte: Google Imagens

No que se refere aos estudos da representação da mulher negra no cinema nacional, mesmo sendo baixa a quantidade de pesquisas que abordam gênero nesse cenário, foi possível perceber, através da omissão da variável raça nos poucos textos encontrados que tratavam do tema, determinada carência na produção de conteúdo acadêmico específico onde

o entrelaçamento gênero-raça seja um dos pilares fundamentais da análise. Sendo assim, a presente pesquisa se justifica a partir do interesse pessoal, mas também intelectual, de colaborar com a produção de conteúdo acadêmico em concordância com as críticas que o feminismo negro realiza acerca da indústria cinematográfica utilizando como elemento norteador a análise dos estereótipos e dos demais elementos que compõem a narrativa sobre as personagens em questão.

Dessa forma, os principais objetivos deste artigo dialogam com a análise de como a figura da mulher negra periférica é repleta de estereótipos que são perpetuados pelo cinema e reafirmados a partir de “Antônia”. Busca-se explicitar os argumentos que sustentam a construção dessa imagem estereotipada enquanto um elemento-base para o uso de características que fazem parte da lógica do racismo estrutural, além de demonstrar como o cinema também pode ser usado como um meio de reflexão sobre a reconstrução identitária da mulher negra.

Assim sendo, a presente pesquisa foi pensada e executada em concordância com o que Candido e Júnior afirmam em seu artigo:

Entendemos que análises unidimensionais, atentas apenas às variáveis gênero ou raça, acabam não levando em consideração aspectos cruciais do cruzamento entre esses dois modos de discriminação, responsáveis simultaneamente por assimetrias severas em nossa sociedade. (CANDIDO; JÚNIOR, 2019: 1)

Em relação à metodologia utilizada temos que, partindo da análise minuciosa das personagens da obra audiovisual e da presente narrativa, buscou-se construir um caráter explicativo do tema por meio do qual o fenômeno da representação pôde ser melhor explicado por meio de investigações cujo objetivo não se resume a conclusões definitivas, visto que o tema proposto pode ser abordado por outras linhas de pensamento e até mesmo a partir de outras obras audiovisuais que também deem espaço para o recorte de raça, gênero e classe de maneira que ambos sejam considerados enquanto elementos indissociáveis no que se refere à realidade de mulheres negras periféricas como as personagens retratadas no filme e aqui analisadas.

Ademais, utilizou-se de fontes primárias e fontes secundárias - capítulos de livros, artigos etc -, a fim de obter embasamento teórico acerca da temática. Por fim, devido a presença de diferentes tipos de dados, essa pesquisa pode ser entendida enquanto uma análise qualitativa-quantitativa.

AS ESTATÍSTICAS E O CINEMA

Partindo das experiências vivenciadas pelas personagens e analisando de maneira minuciosa, não é difícil perceber que a narrativa presente em “Antônia” é repleta de visões estereotipadas construídas a partir de uma perspectiva proveniente do senso comum cuja função é contribuir para a reafirmação da marginalização dos sujeitos periféricos e, neste caso em específico, das mulheres negras periféricas. Tais indivíduos são vítimas da discriminação social sem sequer terem cometido algum crime para serem considerados como menos relevantes para a construção do cinema nacional em um país onde de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2019, 56,1% da população se autodeclara como negra.

Esse desprezo confirma o princípio da falta de representatividade, não somente de mulheres negras reais, mas de pessoas negras no geral, nas obras cinematográficas como a que está sendo usada como objeto de análise, já que, ao que tudo indica, além das protagonistas da trama, havia somente mais um indivíduo negro na equipe principal do filme: o músico Partem, um dos compositores da música-tema da obra.

A falta de representatividade pode ser entendida como parte de um fenômeno não só de tentativa de apagamento da existência de pessoas negras nos mais diversos âmbitos sociais, mas também atua enquanto um elemento que tem origem no século XIX e na investida, por parte do Estado brasileiro, em incentivar a vinda de imigrantes europeus para o Brasil a fim de embranquecer a população através da miscigenação. Em ambos os casos estamos falando sobre agressão, invisibilização e imposição de uma superioridade branca.

Em entrevista ao portal Notícia Preta, a Doutora em Ciência Política e também uma das autoras de um dos artigos principais utilizados como referência para essa análise, Marcia Rangel Candido, falou a respeito da realidade experienciada por pessoas negras no cinema: “Os negros, em geral, estão em cenas de criminalidade, são pobres e têm ‘final triste’. As mulheres negras estão quase sempre retratadas em relações familiares instáveis, em espaços de violência e tragédia social e nunca são representadas em filmes de romance. O papel que mais se repete quando falamos da mulher negra é o da prostituição e o da hipersexualização. Isso não reflete a diversidade da mulher preta no Brasil, mas reforça um estereótipo”.

A maneira como as mulheres possuem poucos papéis de protagonismo, poucas falas e são constantemente retratadas como objeto sexual e como sujeitos inferiores no que se refere a trama das obras audiovisuais nos mostra a disparidade entre o gênero masculino e o feminino nesse cenário. Além disso, as estatísticas não mentem em relação a mulheres negras (pretas e pardas): segundo o estudo “Informe Diversidade de Gênero e Raça nos Lançamentos Brasileiros de 2016” da Agência Nacional do Cinema (ANCINE), nenhum filme brasileiro do ano de 2016 foi dirigido, roteirizado e nem produzido por uma mulher negra.

Sendo assim, a ausência de mulheres negras em cargos de direção, roteiro e até mesmo atuação, impacta diretamente na estruturação e apresentação de uma narrativa que mostre a realidade e que possibilite a identificação com as personagens a partir da associação com mulheres negras reais e igualmente múltiplas em suas personalidades e realidades. A homogeneização das vivências e das narrativas e o apagamento da multiplicidade que faz parte deste e de outros grupos apontam para a continuação de uma prática segregacionista e excludente cujo objetivo principal é o apagamento de sujeitos históricos constantemente marginalizados.

O cinema pode ser visto enquanto uma prática social capaz de disseminar representações capazes de identificar os sujeitos. Sendo assim, é imprescindível que novas formas de representação sejam pensadas juntamente do desenvolvimento de novas tecnologias e do uso de embasamento teórico para que esse processo de modificação e reestruturação da habilidade cinematográfica de se “reconectar” com seu público-alvo possa prosseguir, além de medidas que possibilitem o acesso desses mesmos marginalizados à produção cinematográfica e também à veiculação de filmes pois, assim como Stuart Hall fala (HALL, 2011), tais representações simbólicas são produzidas como um reflexo social e com uma intencionalidade, ou seja, pensando no tema aqui discutido, o cinema estaria exercendo o papel de agente representante de uma visão socialmente disseminada através da permanência de preconceitos estruturalmente presentes e que se sustentam a partir de uma cultura machista, racista e branca.

A maneira como as personalidades das protagonistas da obra foi construída possui grande influência de estereótipos já presentes não apenas no cinema brasileiro, mas também na teledramaturgia. Marcia Rangel Candido e João Feres Júnior propõem, em seu artigo

(CANDIDO; JUNIOR, 2019), uma tipologia de estereótipos que parte do que Stuart Hall (HALL, 2016) chama de “regime racializado de representação”, onde Hall explica que a repetição de certas imagens acaba por contribuir para a atribuição de determinados significados a grupos em virtude de sua raça. Essa conexão entre raça e gênero acabou sendo construída de maneira marginal em relação ao importante papel que o cinema poderia desempenhar no que se refere a tópicos como representatividade, formação do imaginário popular e desenvolvimento do senso crítico de seus espectadores.

Essa mesma tipologia de estereótipos, composta por sete caracterizações¹⁴ diferentes (deixando em aberto a possibilidade de subcategorias), gerou, segundo Candido e Júnior (CANDIDO; JÚNIOR, 2019: 1), “(...) resultados que permitem concluir que perdura a sub-representação da mulher negra e a criação predominante de imaginários negativos, que as reduzem [as mulheres negras] a ícones do espaço doméstico e a objetos de sexualização e de dissimulação.”. Partindo para a análise das representações retratadas em “Antônia” será possível compreender mais facilmente sobre a aplicação de tal tipologia.

AS PERSONAGENS, OS ESTEREÓTIPOS E O CAPITALISMO

O feminismo negro, enquanto um movimento político (no sentido mais amplo da palavra) que visa coordenar e se organizar para que as pautas e reivindicações de mulheres negras sejam consideradas como importantes para a construção de uma sociedade que seja livre das desigualdades, do racismo e da misoginia, possui a ampla noção de que a figura da mulher negra na sociedade carrega uma série de rótulos social e historicamente construídos com base numa “(...) visão deturpada da realidade, que subestima as particularidades contextuais das mulheres negras.” (CANDIDO; JÚNIOR, 2019: 2).

Na tentativa de fazer um paralelo entre a ficção e a realidade, de acordo com Candido e Júnior, o cinema acabaria utilizando o caráter realista como justificativa para que grande parte dos personagens pobres e periféricos das tramas sejam interpretados por atores e atrizes negros, “no entanto, a representação de uma realidade não pode servir para ignorar as outras. A repetição de poucas características para grupos amplos da sociedade sugere mais a reprodução de preconceitos, do que uma correspondência clara com a população.” (CANDIDO; JÚNIOR, 2019: 4).

14 “mulata”, “favelada”, “crente”, “tombadinha”, “revoltada” ou “militante”, “empregada” e “batalhadora”.

A problemática dos estereótipos tem início a partir do instante em que as tentativas de representação cinematográfica se transformam em personagens cujas narrativas reforçam diversas formas de opressão e objetificação dos corpos negros femininos. Cabe utilizar aqui o conceito empregado por Iris Young (YOUNG, 1990: 58), o “imperialismo cultural”. Essa concepção pode ser usada para se referir a opressão que dá origem a diferentes significados posteriormente atribuídos a um determinado grupo que está sendo representado e acaba tendo suas narrativas invisibilizadas ao mesmo tempo em que são cercados de estereótipos, e é exatamente esse cenário que pode ser identificado no filme “Antônia”. Na obra podemos identificar quatro personagens retratadas a partir de características que giram em torno dos estereótipos já mencionados.

A personagem Bárbarah, interpretada pela atriz, cantora, dançarina e compositora Leilah Moreno, se encaixa no estereótipo descrito por Candido e Júnior como a “favelada”: temperamento forte que beira a agressividade, alguém com uma resposta pronta para tudo que lhe dizem – a famosa “respondona” ou “barraqueira”. A narrativa do filme explora de maneira tão incisiva essa “característica” atribuída à Bárbarah que a personagem acaba sendo presa por agredir e levar a óbito o rapaz que espancou seu irmão. A “superação” de vida da personagem se deu durante uma visita de suas amigas à unidade prisional onde compuseram a música carro-chefe do grupo: “Antônia”.

A descrição implícita de Bárbarah engloba “características” atribuídas não somente à mulher considerada como “favelada”, mas também à própria favela: pobreza, violência, criminalidade e trabalho constante. Todos esses elementos empregados seguem servindo de argumento para a perpetuação dos estereótipos que giram em torno da favela e tudo que a compõe: sua realidade, o caráter de seus moradores, a violência local e a caracterização das mulheres negras que ali residem.

Interpretada pela atriz, cantora e compositora Negra Li, Preta é retratada como uma mulher sonhadora e imensamente preocupada com o futuro de sua filha Emília, porém, esses mesmos adjetivos são usados como apoio para atribuir a ela a postura de mulher “batalhadora”: alguém em constante luta em busca da subsistência e da superação das sucessivas contrariedades que a vida lhe impõe. Candido e Júnior discorrem que mesmo que não seja um estereótipo negativo, ainda assim ele é comumente atribuído a mulheres pretas e pardas, trabalhadoras e de classe baixa.

É possível pensar também que usar desse lugar-comum para retratar a vida de Preta significa dar suporte ao estereótipo historicamente construído de que a mulher negra é forte, tudo suporta e raramente demonstraria fraqueza ou sensibilidade. Em uma entrevista para o site Alma Preta, a historiadora Roberta Tavares explicou a ligação desse estereótipo com a experiência escravista nas Américas, pois juntamente da criação de um ideal feminino associado às mulheres brancas, houve a negação dessa feminilidade para as negras: “As mulheres negras não tiveram direito, e nem privilégio, de se colocar nesse lugar de fragilidade porque sempre estiveram ocupando um lugar que não cabe a fragilidade que é tida às mulheres brancas”.

Quelynah, cantora e atriz, foi quem interpretou Mayah, uma jovem preocupada com as tendências da moda. Assim como Bárbarah e Preta, Mayah também se enquadra no estereótipo de “favelada”, porém de uma maneira diferente pois justamente por conta de seu interesse pela forma de se vestir também podemos associá-la ao estereótipo “mulata”: uma mulher que gosta de usar roupas curtas, chamar a atenção por onde passa, não liga para a opinião alheia, tem um “quê” de sensualidade e figura como objeto de desejo masculino.

O perfil da “mulata” restringe a figura dessa mulher ao papel de objeto sexual, a desumaniza e por muitas vezes opera com o intuito de atribuir à personagem a “rejeição racial”, visto que sua aparência física pode aproximá-la do padrão de beleza branco. Atribuir esse lugar de submissão às mulheres negras é, por muitas vezes, a ação responsável pela ocorrência de crimes de violência doméstica e até mesmo de altos índices de feminicídio (entre março de 2020 e dezembro de 2021, 2.451 mulheres foram vítimas de feminicídio de acordo com o estudo “Violência contra mulheres em 2021” elaborado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública).

Maria Madalena foi a personagem com menor destaque. Interpretada por Cindy Mendes, atriz e cantora, Lena é uma mistura de dois estereótipos: “favelada” e “batalhadora”. Além de passar por todos os altos e baixos que fizeram parte da trajetória do grupo Antônia, essa jovem embarca em um relacionamento abusivo com um rapaz que também morava na favela e, durante um momento delicado onde o futuro musical era incerto pelo fato de Bárbarah estar presa, ela descobre que está grávida e se vê proibida pelo namorado de continuar participando do grupo e realizando apresentações caso desejasse que ele assumisse a paternidade da criança e desse continuidade em seu relacionamento.

O comportamento conformado de Lena indica um traço habitualmente atribuído a mulheres em constantes situações de violência e já citado anteriormente, o que também seria um aspecto do estereótipo “favelada”, a submissão, a posição de subserviência, o que também podemos entender como um resquício do regime escravocrata brasileiro onde a mulher negra ocupava o papel de serviçal, subjugada, “acomodada” e “conformada” com aquela realidade.

Portanto, pode-se perceber que todos esses estereótipos são facilmente aplicados a personagens negras de outros filmes, como “Mulheres do Brasil”, “Totalmente Inocentes” e “Ó Paí, Ó”. As visões que a estrutura social possui sobre a mulher negra são tão genéricas, subalternizadas e não representativas que se faz necessário identificar a ocorrência e a repetição desses estereótipos para que seja possível obter embasamento teórico-metodológico com o intuito de construir uma consciência crítica e incentivar o debate, mas, para além disso, pensar em formas de subverter o padrão e elaborar estratégias para que as mulheres negras se sintam respeitosa e verdadeiramente representadas pelo cinema brasileiro:

A estereotipação, o insulto e a negação do reconhecimento são também formas de expressão humana. Alguns podem até argumentar que elas não devem ser banidas pois sem transgressão e alguma violência simbólica a arte se torna agente normalizador e moralista. Nada impede, contudo, que identifiquemos a ocorrência dos estereótipos e tentemos determinar quais os grupos sociais atingidos por eles – isso só contribui para uma maior consciência crítica individual e coletiva acerca de tais práticas de representação e para aguçar o debate em torno delas. (CANDIDO; JÚNIOR, 2019: 11)

Quanto tratamos de contextos inseridos em sociedades capitalistas contemporâneas, como a do presente filme aqui analisado, podemos (e devemos) refletir sobre a influência do Estado nas mais diversas formas de construção coletiva de conceitos e ideias. A partir de tal necessidade de análise utilizaremos o conceito de governança sociocultural empregado por Wallace de Moraes em sua obra “História das Plutocracias no Brasil”. O objetivo do emprego desse conceito está associado, segundo Moraes, com a necessidade de entender e definir as diferentes governanças institucionais que podem de fato governar o Estado em uma sociedade capitalista contemporânea.

O autor aponta quatro grandes instituições que estão relacionadas com a governança sociocultural e atuam em prol da manutenção do *status quo*: 1) a grande mídia, 2) a escola (ou a academia), 3) a igreja e 4) a família. Nessa conjuntura, compreendemos que o cinema pode ser entendido enquanto um órgão constituinte da categoria da grande mídia, e assim, a

partir da opinião já apresentada acerca do ponto de vista adotado pelo cinema brasileiro e da percepção de que esse meio de comunicação não possui um caráter autocrítico sem que haja nenhum tipo de intervenção analítica exterior, temos que

Os governados socioculturais são aqueles que não produzem crítica autônoma à sua própria situação de governado e se contentam em receber ordens e conhecimentos alheios sem avaliá-los. (MORAES, 2019: 23)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme “Antônia” serviu como um importante objeto de análise para se pensar na forma como os estereótipos sobre as mulheres negras afetam as narrativas apresentadas pelo cinema brasileiro e pensar também na importância de haver uma efetiva representatividade onde o enredo da obra seja construído de maneira subjetiva dando lugar à realidade vivenciada e não somente às opiniões daqueles que não possuem certa “experiência prática” para discorrer sobre questões ligadas aos negros.

Como sinalizado, o cinema por si só não possui uma capacidade intrínseca de automodificação. Sendo assim, toda e quaisquer mudanças percebidas a olho nu podem ser atribuídas a análises como esta que são capazes de informar ao público espectador acerca do que está sendo utilizado como narrativa fílmica e também acerca da maneira que certos sujeitos estão sendo construídos a partir do enredo apresentado, além, é claro, da importância do movimento feminista negro que segue lutando e combatendo todo tipo de opressão imposta a nós, mulheres negras.

Nessa pesquisa tomamos como argumento o fato de que a indústria cinematográfica brasileira, apesar de ter passado por significativas mudanças, ainda não demonstrou grandes avanços em relação ao padrão de representação das mulheres negras. Sendo assim, cabe encerrar esta análise com o pensamento de Grada Kilomba na introdução de seu livro “Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano”. A autora usa dos conceitos de “sujeito” e “objeto” de bell hooks, para expor a necessidade individual e/ou coletiva de falar por si só, com autonomia, em primeira pessoa e sendo o sujeito de sua própria história, e não ser representado enquanto um mero objeto cuja breve trajetória está sendo contada pelo outro sem qualquer traço autoral. As mulheres negras têm sua própria história, suas próprias memórias e realidades, deixem-nos falar e sermos nossas próprias personagens e inspirações de vida.

A possibilidade de mobilizar o cinema enquanto um meio capaz de proporcionar a reconstrução identitária de mulheres negras transforma a maneira como essas mulheres poderão ser percebidas e interpretadas pela sociedade. Urge a necessidade de uma reanálise dos diferentes canais apropriados pelo racismo a fim de manter-se existindo e vitimando indivíduos negros.

Os mais diversos meios de comunicação podem e devem ser utilizados com o intuito de promover o antirracismo, porém antes disso é indispensável que tanto a população, quanto a indústria cinematográfica (brasileira e internacional) percebam o aparelhamento desse meio visando a perpetuação de uma lógica racista e machista no que se refere à reprodução de preconceitos vinculados com a imagem da mulher negra.

Como já anteriormente mencionado, a presente análise não tem como objetivo o esgotamento das possíveis abordagens relacionadas a diversos aspectos do cinema nacional. Acredita-se que o principal objetivo foi cumprido: a exposição da problemática e o apontamento em direção à possibilidade de modificação da realidade analisada.

Assim sendo, por meio deste projeto foi possível concluir não somente que as pesquisas do meio acadêmico podem ser entendidas como insuficientes no que se refere a abordagem de gênero e raça no cenário do cinema brasileiro, mas também que as representações das mulheres negras, quando ocorrem, trazem consigo elementos cuja função é diferenciá-las das demais e torná-las sujeitos limitados capazes apenas de exercer papéis sociais pautados de acordo com os estereótipos atribuídos a eles.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, M. R.; JÚNIOR, J. F. (2019). Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro. *Revista Estudos Feministas*, set. 2019. <https://www.scielo.br/j/ref/a/5zzSXRTXZgsN8CMcYjhYQvg/?format=pdf&lang=pt>

CANDIDO, Marcia Rangel. Mulher negra é grupo com menor representação no cinema nacional, aponta estudo. Jersey Simon. *Notícia Preta*, 4 maio 2020.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad). Brasil. 2019.

HALL. Stuart. (2016). O espetáculo do “outro” *In*: HALL. Stuart, *Cultura e Representação*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016. pp. 139-219.

KILOMBA, Grada. (2020). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó.

MORAES, Wallace de. (2019), Introdução, *In*: MORAES, Wallace de, *História das Plutocracias no Brasil*; Rio de Janeiro; Ape’Ku Editora; pp. 15 - 26.

NAPOLITANO, Marcos. (2005) “Fontes audiovisuais: A História Depois do Papel”. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. São Paulo; Editora Contexto; pp. 235-289.

SANTOS, J. C. dos; BERARDO, R. M. (2014). Representações cinematográficas de mulheres negras. *Anais do VII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual Goiânia-GO: UFG, FAV*.

Superintendência de Análise de Mercado. (2016). Diversidade de Gênero e Raça nos Lançamentos Brasileiros de 2016. Disponível em <https://www.gov.br/ancine/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/apresentacoes/ApresentacaoDiversidadeFINALEM250118HOJE.pdf>

YOUNG, Iris Marion. (1990). *Justice and the Politics of Difference*. Princeton: Princeton University Press.